

## ENTREVISTA

### LEONARDO TONUS<sup>1</sup>



**E-scrita:** *Leonardo, eu gostaria de iniciar essa entrevista partindo de uma frase sua: “Somos todos atravessados por deslocamentos”. A sua biografia é marcada pelo trânsito não apenas espacial e cultural, mas também profissional. Fale-nos dessa passagem da música para a literatura.*

**Leonardo Tonus:** Antes de me dedicar à literatura estudei piano, durante muitos anos e, após o ensino médio, ingressei no curso de Composição e Regência da UNESP. Dois anos depois, passava novamente o vestibular para, desta vez, inscrever-me no curso de Letras (Latim/Alemão) da USP. Meu objetivo era adquirir alguma proficiência nas duas línguas utilizadas nas aulas (e em meu trabalho) de prática coral. Na altura participava do projeto “Canto Coral na Unesp”, sob a direção do professor e maestro Samuel Kerr, um laboratório musical destinado a estudantes bolsistas do Instituto de Artes. O projeto, nascido nos anos 70, visava à criação de grupos vocais e corais nos diversos *campi* da universidade espalhados pelo

---

<sup>1</sup> Leonardo Tonus é doutor em Estudos Lusófonos pela Université de la Sorbonne-Nouvelle (Paris III – 2003); Livre Docente em Literatura Brasileira pela Université de Rennes 4 (2016); Maître de Conférences habilité à diriger des recherches na Université Paris-Sorbonne (Paris IV); e Membro do Conselho Editorial e do Comitê de Redação de diversas revistas internacionais. Atua nas áreas de Literatura Brasileira Contemporânea, Teoria Literária e Literatura Comparada. Em 2014, recebeu a condecoração de “Chevalier des Palmes Académiques” pelo Ministério da Educação Francês e foi nomeado Conseiller Littéraire pelo Conseil National du Livre para o Salão do Livro de Paris de 2015. Em 2015, recebeu a condecoração de “Chevalier” na ordem das Artes e das Letras pelo Ministério da Cultura francês. Publicou vários artigos sobre autores brasileiros contemporâneos e coordenou, entre outras, a publicação dos ensaios inéditos do escritor brasileiro Samuel Rawet (*Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Civilização Brasileira, 2008) e as antologias *La littérature brésilienne contemporaine: Special Salon du Livre de Paris 2015* (Revista Pessoa, 2015), *Olhar Paris* (Editora Nós, 2016) e *Escrever Berlim* (Editora Nós, 2017). Como poeta, publicou *Agora vai ser assim* (Editora Nós, 2018), *Inquietações em tempos de insônia* (Editora Nós, 2019) e *Diários em mar aberto* (Folhas de Relva, 2021).

estado de São Paulo. Durante dois anos fui responsável pelo coro da unidade de Rio Claro, formado por cantores amadores, em sua maioria, oriundos da comunidade universitária. Esse trabalho instigante incluía, além de questões técnicas, uma nova concepção da prática coral, concebida enquanto atividade inclusiva, participativa e autônoma.

Minha atuação enquanto músico e o trabalho desenvolvido com coralistas amadores tiveram grande impacto em minha formação literária. Para além de me levar a refletir sobre a função social de toda e qualquer atuação e criação artística, eles foram fundamentais na delimitação do meu campo de pesquisa acerca da presença, da representação e da invisibilidade de sujeitos migrantes na literatura e nas artes brasileiras modernas e contemporâneas. Como sublinha a pesquisadora e professora Regina Dalcastagnè, da UnB, a produção artística literatura brasileira contemporânea ainda é um lugar onde as representações sociais e as relações de exclusão impostas pela cultura dominante são perpetuadas.

Ainda hoje a prática musical norteia grande parte de minha pesquisa e de minha produção ficcional, quer seja nos trabalhos acadêmicos em que busco evidenciar possíveis diálogos entre a escrita musical e a literatura, quer seja em meu próprio processo de escrita poética cuja dimensão musical é manifesta. Para redigir um texto poético, necessito antes pensá-lo enquanto estrutura musical com seus diversos fraseados, sua harmonia ora dissonante, ora consoante, sua rítmica e seus silêncios.

**E-scrita:** *Em uma entrevista, você afirmou que sua estreia na poesia decorreu de suas inquietações em torno do desgaste da palavra na contemporaneidade. A epígrafe do seu novo livro, “É quando você se esquece das palavras que surge a poesia”, aponta também nessa direção. Como e quando você se descobriu poeta?*

**Leonardo Tonus:** Há muitos anos o exercício da escrita faz parte do meu cotidiano. Até três ou quatro anos atrás, tratava-se de uma atividade discreta, que, realizada distante do olhar alheio, buscava, como para muitos dentre nós, dar sentido a certa inquietação diante do mundo. Nos últimos anos esta atividade intensificou-se à imagem de nosso espanto face às catástrofes ecológicas, à emergência dos discursos totalitários, à crise humanitária dos migrantes ou às guerras que hoje assolam diversas partes do planeta. Diante de um mundo que deixamos de compreender, o ato de escrita tornou-se, para mim, cada vez mais urgente. Não que ele pudesse trazer respostas às diferentes crises, pois resposta não há. Mas pelo ato da escrita busco, à imagem da escritora brasileira Carola Saavedra, trazer à tona questões que

não teria imaginado, que não ousaria ou me recusaria pensar. Por outro lado, acredito que à arte também cabe um papel memorial em relação a uma história que não se deve esquecer e que muitos desejam que esqueçamos. Pelos dispositivos da denúncia e pela textualização de minhas inquietações, espero que meu trabalho também possa se consolidar como este espaço memorial de uma história ocultada, não reconhecida e, sobretudo, oprimida, como a história das mais de 80 milhões de pessoas que hoje vivem em situação de deslocamento pelo mundo. Por isso afirmo que, para se repensar o mundo, é necessário, por vezes, esquecer-se da palavra e fazer com que a poesia surja. Porque só ela é capaz de reencantamentos, de reencantar a nossa triste e sombria cotidianidade.

**E-scrita:** *Seus livros anteriores, Agora vai ser assim e Inquietações em tempos de insônia, já apresentavam uma preocupação com a situação do imigrante, do refugiado que também está presente em Diários em mar aberto. Em seu primeiro livro, no poema “Terror”, você dizia: “Ontem eu vi o terror dos meus olhos nos olhos de um imigrante clandestino”. Seus textos buscam chamar a atenção para questões relacionadas à migração e ao refúgio de um modo contundente, como um protesto em relação à indiferença em relação ao outro. Como você vê o tratamento dado ao tema pela produção literária e artística recente?*

**Leonardo Tonus:** Como sabemos, a imigração constitui um dos temas centrais de nossa literatura e de nossa produção artística. Esta temática surge em meados do século XIX quando se acentuam para as Américas os traslados de populações europeias que começam, então, a ganhar visibilidade na esfera pública. Tal visibilidade, no entanto, corresponde, em muitos casos, a um esvaziamento discursivo do sujeito migrante que, no que tange à produção artística nacional, se confronta a um processo de alegorização. O tema da imigração percorre as principais correntes estéticas e gêneros literários brasileiros e moldou-se às diversas transformações socioeconômicas e culturais que o país atravessa. Ora, é justamente esta plasticidade que se torna problemática e que eu, em diversos de meus trabalhos acadêmicos, questiono. Em muitas obras de nossa produção artística, o imigrante se apresenta menos como personagem do que figura, conceito ou simples abstração. Talvez isto explique o fato de o imigrante ainda ser hoje um tema de sucesso nacional. No Brasil, nos últimos 30 anos, mais de sessenta romances sobre imigração foram publicados por renomadas editoras representativas do panorama editorial nacional. A obtenção de prêmios literários de obras vinculadas a esta questão, sua tradução para outros idiomas, a presença de autores abordando a temática migratória em grandes eventos literários nacionais ou internacionais, bem como a

presença incontestável desta problemática em nossos centros de pesquisa confirmam o reconhecimento simbólico em torno das migrâncias. Este processo contribui para uma legitimação reversível que não se manifesta apenas em termos de sucesso de vendas. A questão migratória é inserida em um sistema de legitimação que reforça sua posição no campo literário e acadêmico. No entanto, quantos e quem são os autores que souberam conferir concretude à personagem migrante? Quantos e quais são os autores que souberam retratar a dramaticidade que acompanha os procedimentos de expatriação? O tema da imigração parece-me, muitas vezes, fadado a um discurso consensual contrário, em minha opinião, ao próprio fazer artístico. Um exemplo: outro dia estava à procura de informações acerca da implementação de campos de retenção de estrangeiros no Brasil durante o período da Segunda Guerra Mundial. Desse período sombrio de nossa história vinculado à comunidade japonesa, alemã e italiana não há, salvo engano meu, praticamente nenhum relato ficcional, exceto, talvez, o belíssimo *Os livros de Sayuri* (2008), escrito e ilustrado por Lúcia Hiratsuka que, baseado na memória da família da autora, revela a história da pouco conhecida exclusão e perseguição contra os imigrantes nipo-brasileiros em São Paulo após 1943. Observo esse mesmo silenciamento no que tange ao drama das migrações atuais. Quando, em 2017, dei início à minha atual pesquisa sobre a presença e a invisibilidade de pessoas em situação em refúgio, contavam-se nos dedos de uma mão os artistas e os escritores que por esta questão se interessavam: Itamar Vieira Júnior, Regina Parra, Leila Danziger, Ícaro Lira, Maurício Lima. Observo, hoje, uma alteração significativa nesse quadro, ainda que migrantes haitianos, congolezes, nigerianos, venezuelanos, bolivianos, angolanos, sírios ainda permaneçam à margem de nossa produção nacional.

**E-scrita:** *No poema “Menino-pássaro”, há um verso que evoca as vicissitudes do expatriado: “viver no exílio é viver o exílio das palavras/ na possibilidade de todas, que é nenhuma”. Como é a experiência de viver e escrever poesia nesse trânsito entre culturas?*

**Leonardo Tonus:** A experiência do viver e escrever poesia no trânsito entre culturas é assumir a precariedade como elemento desencadeador e ponto de chegada do processo de escrita. Esta se manifesta, entre outras e de maneira contundente, na própria competência linguística. Após mais de 30 anos de experiência exílica vivendo cotidianamente um “estar fora” em outro idioma, a minha “língua de escrita” também se tornou migrante. Hoje ela é atravessada pelo ritmo, pela musicalidade, pelo respiro do francês que surge em meus textos

muitas vezes de maneira involuntária. Não há como evitar esta telescopagem. Por isso é necessário aceitá-la e transformá-la, enfim, em dispositivo criativo. Não que meus textos sejam marcados por um experimentalismo linguístico que outros autores souberam colocar em prática com maestria (penso aqui na obra do poeta Douglas Diegues ou do já falecido Wilson Bueno, ambos integrantes do movimento do “portunhol selvagem”). Subsiste em meus textos uma constante fricção linguística que, ao leitor, pode causar certo espanto ou incômodo, o mesmo que em 1956 revelava Samuel Rawet em seus *Contos do imigrante*.

Por fim, este trânsito entre culturas a que você alude, se manifesta, igualmente, nas escolhas temáticas que abordo, bem como na emergência de um imaginário diferenciado que se repete, por vezes, de texto a texto. Muitos me questionam por que falo tanto de migração? Por já ter nascido migrante em uma família de imigrantes e por hoje viver todos os dias na França a minha condição de sujeito migrante. Porque sempre serei um migrante e para isto basta eu abrir a boca. Meu sotaque é minha marca de Caim. Mas atenção, não a de um Caim assassino ou amaldiçoado. Minha exílica condição cainista, eu a penso na esteira da revolta camusiana e da consciência de um Samuel Rawet que, em seu texto *Eu-tu-ele*, de 1972, afirmava:

Penso em Caim, nome coletivo, invenção alegórica de alguns inspirados, criação fantástica de algum louco, transcrição corrompida e adulterada de algum som primitivo, penso em Caim como o despertar real de uma consciência, em Caim como um corpo-consciência em movimento, o nascimento, talvez da reflexão.

**E-scrita:** *Leonardo, Diários em mar aberto é o seu terceiro livro e foi escrito durante a pandemia, em suas próprias palavras, em “inxílio”. No poema “das eternas chegadas”, você anuncia: “às escuras singro os mares da memória”. Eu gostaria, em primeiro lugar, que você falasse um pouco sobre a escrita desses diários, de como o livro surgiu.*

**Leonardo Tonus:** O livro surgiu em plena pandemia da Covid. Para ser mais exato, os primeiros textos de que se compõe a antologia nascem nos primeiros dias do confinamento de março de 2020. Na altura coloquei-me a redigir um diário para tentar entender o que até hoje me parece incompreensível: o “inxilamento” que nos trancafiou em nossos espaços domésticos e nos confrontou à nossa própria alteridade.

Os textos da antologia foram surgindo de maneira aleatória. Aos poucos, eles passaram a ganhar coesão pelas inquietações sobre o momento, pelos questionamentos de ordem geral e pelo mergulho profundo em minha memória afetiva e pessoal. A escrita, naquele momento, tornava-se uma âncora, uma frágil âncora que me permitia sobreviver a esta experiência traumática cujo impacto ainda hoje não somos capazes medir. *Diários em mar aberto* não é um livro sobre a pandemia. Apesar do tom testemunhal, ele se quer reflexão acerca de nosso tempo, sobre a contraditória experiência temporal e espacial “da” e “na” espera que descobríamos durante a pandemia e que há anos vivem os milhares de pessoas em situação de refúgio: a imobilidade espacial imposta por um sistema de “encampamento” e a sua projeção utópica nem que ilusória, porque também necessitamos viver de ilusões, todos os dias. E a literatura está aí para prová-lo e o comprovar.

**E-scrita:** *As circunstâncias de elaboração dos seus três livros parecem ser bastante distintas, muito embora seja possível pensar em uma espécie de projeto de escrita interligando-os. Diários em mar aberto tem uma estrutura híbrida, uma imbricação de prosa e poesia, entretecida com aforismos e elementos paratextuais e, por vezes, a voz do pesquisador parece surgir aqui e acolá. Até que ponto a mistura de gêneros textuais e a paratextualidade se relacionam com a circunstância de produção e/ ou a temática do livro?*

**Leonardo Tonus:** Essa mistura é voluntária. Ela é, por um lado, uma resposta ao velho dilema a que se confrontam escritores-pesquisadores: “ou se é pesquisador, ou é se escritor”. Somos muitos a viver este dilema, como se o fazer literário e o fazer crítico fossem coisas distintas que devessem se manter afastadas uma das outras. Como se o fazer crítico tivesse necessariamente de abolir toda e qualquer manifestação de subjetiva e o literário nada expressar para além de belas imagens. Mas a pergunta permanece, sobretudo para autores que trabalham com situações dramáticas e reais: como evocar representações de crianças afogadas sem o mínimo de empatia? Como ficcionalizar corpos amputados sem o menor distanciamento crítico?

Por outro lado, a mistura a que você alude, responde, no meu caso em particular, a uma necessidade de testemunhar os diferentes corpos e vozes que me habitam: o corpo e a voz do professor, do pesquisador, do escritor e, por fim, do cidadão. Se até a minha segunda antologia de poemas essa divisão ainda era perceptível, neste meu último livro, optei, deliberadamente, por anulá-la. Isso explica o emprego de dispositivos oriundos de diferentes

modalidades escriturais (notas de rodapé, epígrafes, dedicatórias, etc.) ou a inserção de textos acadêmicos que conservam, em minha opinião, uma dimensão poética. Não sou o primeiro a realizar tal empreendimento. A crítica francesa Marielle Macé demonstra que desde Montaigne muitos autores já buscavam esse imbricamento entre discurso científico e ficção. Roland Barthes seria o principal exemplo deste processo. Em sua famosa palestra proferida na inauguração da Cátedra de semiologia do Collège de France, Barthes (2002, p. 435) afirmava:

O paradigma que proponho aqui não segue a separação entre as funções; não visa colocar de um lado os cientistas, os pesquisadores, e de outro, os escritores, os ensaístas; ao contrário, sugere que a escritura se encontre em todo lugar onde as palavras têm sabor (saber e sabor têm, em latim, a mesma etimologia).

Quanto às imbricações entre prosa e poesia, elas constituem um traço característico de minha práxis escritural. Mas há também outras pequenas subversões que experimentei neste meu último livro: a ausência de maiúsculas e o alinhamento textual pela margem direita. A primeira responde a meu incômodo em relação à normatividade gramatical. Não sei por que razão, mas vejo na utilização da maiúscula a manifestação de uma postura arbitrária que pouco condiz com a liberdade poética. O alinhamento textual pela margem à direita insere-se, por sua vez, na vontade de conferir ao texto poético outra visualidade e retirar o leitor de sua zona conforto ao longo do processo de leitura que é sempre uma experiência de alteridade.

**E-scrita:** *No seu último livro, há uma relação muito forte com o tempo, mas, ao contrário do que ocorre com o diário, que tem na data um traço distintivo, não há nos seus diários uma marcação cronológica. Essa subversão, entretanto, não é absoluta, pois os títulos dos poemas/prosas apresentam tentativas inusitadas de capturar algo de uma temporalidade. Gostaria que você discorresse sobre essa tua opção.*

**Leonardo Tonus:** Todos dispositivos da escrita diarista figuravam no início da redação do livro, inclusive o da datação. Lembrava-me do postulado de Philippe Lejeune para quem um diário sem datas nunca será um diário. Mas, em um momento em que perdíamos a noção da temporalidade e que a nossa temporalidade gregoriana já não dava conta de nossa experiência temporal, qual seria a relevância de tais marcadores temporais? Tal questionamento levou-me a rasurar o conjunto das marcas temporais substituindo-as por outras oriundas de culturas que pensam o tempo diferentemente: a cultura iorubá, o mundo islâmico, judaico, a cosmologia de certos povos indígenas do Brasil e até por provérbios, que constituem excelentes marcadores

temporais. Se, ao longo do livro, tentativas de capturar algo da temporalidade ainda subsistem, elas se apresentam menos como marcadores reais do que como ruínas de um tempo que se perdeu.

**E-scrita:** *A impossibilidade de atividades presenciais interrompeu o bem-sucedido projeto **Printemps Littéraire Brésilien**, que você criou. Entretanto, o contexto da pandemia abriu espaço para o **Projeto MIGRA**, que se tornou um sucesso absoluto. Fale-nos sobre esse projeto.*

**Leonardo Tonus:** Como o *Printemps Littéraire Brésilien*, o *Projeto MIGRA* nasce de uma necessidade pedagógica, mas imposta pelo contexto pandêmico. Minha grande preocupação em todos os projetos que lancei desde o início do confinamento foi a de compartilhar gratuitamente conteúdo informativo para estudantes ou pesquisadores que se encontravam impossibilitados de frequentar bibliotecas ou espaços de ensino. O Projeto também visava estimular um diálogo transdisciplinar e transnacional de uma questão (as migrações) pensada, por vezes, de maneira compartimentada. Acredito que nada nos impeça de falar sobre imigração em literatura e procurar, ao mesmo tempo, entender como a área médica trabalha com essa questão. Do mesmo modo, creio que a literatura tenha muito a contribuir ao campo das ciências biológicas, exatas ou tecnológicas que atuam nesta área.

Os resultados obtidos trouxeram-me grande felicidade e não tenho palavras para agradecer a todos os participantes dessa aventura que durou quase oito meses e realizou mais de quarenta e cinco *lives* em português, francês, inglês e alemão com escritoras, escritores, artistas e pessoas oriundas da sociedade civil.

O registro permanece e espero retomar o projeto no próximo ano a partir de um formato híbrido, que permitirá saciar a nossa necessidade de sociabilização, bem como reforçar a dimensão democrática de nossa atuação enquanto professores-pesquisadores. Aos muitos que reclamaram (e ainda reclamam) do excesso de *lives* nas redes, prefiro responder a partir do velho provérbio que diz: melhor muito do que nada, porque, de todo modo, ainda temos muito a dizer e muito a fazer.

**E-scrita:** *Para finalizar, como é a sua rotina de escrita? Como se processa essa divisão entre o acadêmico e o escritor?*

**Leonardo Tonus:** Eu adoraria ter uma rotina de escrita e saber dividir melhor o meu tempo consagrado à produção acadêmica e ficcional. Mas, antes de tudo, sou um professor e pesquisador, o que explica que sempre privilegiarei minhas atividades de docência. À escrita, restam os longos momentos passados em transportes públicos ou nos cafés de Paris. Talvez, por isso, meus escritos se preocupem tanto com a mobilidade, pois dela também eles são frutos.

Leonardo Tonus, Paris, 1º de abril de 2022.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Leçon. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes*, v. 5. Edition de Éric Marty. Paris: Seuil, 2002, p. 435.

HIRATSUKA, Lúcia. *Os livros de Sayuri*. Ilustrações Lúcia Hiratsuka. São Paulo: Edições SM, 2008 (Coleção Barco a Vapor).

RAWET, Samuel. *Eu-tu-ele*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1972, p. 47.